

Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje

Cultural formation and semi-formation: Theodor Adorno's contributions to a reflection on contemporary education

BELKIS SOUZA BANDEIRA*
AVELINO DA ROSA OLIVEIRA**



RESUMO – Este trabalho busca, amparado em categorias do pensamento de Theodor Adorno, contribuições para pensar a educação hoje. Retoma o conceito formação cultural (*Bildung*) desde o Iluminismo, até desembocar no que, contemporaneamente, é definido por Adorno como semiformação (*Halbbildung*). Quando a produção simbólica, própria do processo da cultura, distancia-se do saber popular e aproxima-se dos interesses do mercado, convertida em mercadoria pela indústria cultural, encontra-se as bases para a consolidação do que constitui o processo de semiformação, o qual desarticula as condições subjetivas que possibilitam a efetivação do caráter emancipatório da formação. O grande desafio no âmbito educacional hoje, à luz do pensamento de Adorno, é a crítica da semiformação, tal como se apresenta na sociedade contemporânea, como possibilidade de fazer emergir uma formação cultural que venha a contribuir para a ampliação dos horizontes formativos.

Palavras-chave – formação cultural; semiformação; emancipação; educação

ABSTRACT – This paper seeks to reflect on today's education based on Theodor Adorno's thought. It examines the cultural formation concept (*Bildung*) from the Enlightenment period to what contemporarily Adorno calls semi-formation (*Halbbildung*). The basis for the consolidation of Adorno's semi-formation process occurs when symbolic production, a characteristic of the cultural process, distances itself from popular knowledge and approaches market interests, turned into a commodity by the cultural industry. In this process, the subjective conditions that enable the consolidation of the emancipatory character of formation are broken. The great challenge for contemporary education, from an adornian point of view, is the criticism of semiformation as it appears in contemporary society, bringing up the possibility of a social formation that may contribute to the widening of formative horizons.

Keywords – cultural formation; semi-formation; emancipation; education

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tempos paradoxais, estes em que vivemos. Trilhamos, simultaneamente, caminhos de racionalidade e irracionalidade crescentes. Ainda em meados do século XX, Adorno e Horkheimer buscavam entender por que “a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (ADORNO; HORKHEIMER,

1985, p. 19). Pois hoje, já avançados no século XXI, a fisionomia sociocultural pouco se alterou. De um lado, a ciência avança em vertiginosa velocidade e oferece respostas em todas as frentes; de outro, multiplicam-se fundamentalismos irracionais de diferentes matizes. De um lado, a comunicação vence as determinações de espaço e reúne todos os povos; de outro, as guerras destroem todos os laços e aniquilam milhões de pessoas.

*Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (Pelotas, RS, Brasil), doutoranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas (Pelotas, RS, Brasil) e membro dos grupos de pesquisa: Filosofia, educação e práxis social (UFPEL) e Racionalidade e Formação (PUCRS). E-mail: <belkisbandeira@gmail.com>.

**Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (Porto Alegre, RS, Brasil) e Professor titular da Universidade Federal de Pelotas (Pelotas, RS, Brasil). E-mail: <avelino.oliveira@gmail.com>.

Artigo recebido em dezembro de 2011 e aprovado em fevereiro 2012.

De modo análogo, os processos educacionais, escolares ou não, estão profundamente marcados pela mesma ambivalência.

Buscando contribuir para a busca de uma autocompreensão crítica da educação neste tempo paradoxal em que vivemos, temos como principal meta refletir sobre o conceito de formação cultural, principalmente a partir de Kant e Hegel, desde o Iluminismo, até desembocar no que, contemporaneamente, veio a ser definido por Theodor W. Adorno como semiformação (*Halbbildung*). A partir destes autores, buscamos mostrar a intrínseca relação entre Educação e Formação como processos que se entrelaçam, vindo a desaguar, num contexto mais amplo, no ideal de mudança social, no sentido de alcançar uma sociedade mais justa, onde o homem possa, com liberdade, escolher seus próprios caminhos. Deste modo, trataremos, num primeiro momento, de reconstituir a trajetória moderna do conceito de formação cultural (*Bildung*). Após este passo inicial, discutiremos a coarctação a que as relações sociais, regidas pela lógica mercantilista, submetem o conceito de formação, que acaba por converte-se no que Adorno chamou de semiformação (*Halbbildung*). Sempre motivados pelo pensamento adorniano, pretendemos marcar pontos de crítica a este sistema educacional que hoje forma indivíduos, tanto no aspecto cognitivo, quanto afetivo, para submeterem-se passivamente ao processo de semiformação que impele ao conformismo e à falsa ideia de felicidade obtida pelos bens de consumo.

O PERCURSO DA *BILDUNG* A PARTIR DA MODERNIDADE

Introduzimos a problematização reportando-nos ao conceito de formação cultural. A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, cultura, e pode ser entendida, nesse sentido, como análoga à palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, enquanto *Kultur* tende a se aproximar das relações humanas objetivas, *Bildung* reporta-se mais às transformações na esfera subjetiva, referindo-se a um processo de formação.¹ Enquanto expressão linguística estabeleceu-se no século XVII e, embora se assemelhando à palavra educação (*Erziehung*), não possuía conteúdo idêntico. Pela história da palavra e seu significado, cruzam-se representações místico-cristãs (a doutrina da *Imago Dei*) com ideias secularizadas da gênese da personalidade e da acumulação do saber (HOYER, 2005, p. 180). Com uma forte conotação pedagógica, designando a possibilidade de desenvolvimento de potencialidades humanas subjetivas, o termo *Bildung* tem um caráter bastante dinâmico e define-se essencialmente enquanto prática, empregando-se, então, a expressão Formação Cultural² como sua mais adequada tradução para o contexto em que ora trabalhamos.

Partindo desta definição, o conceito de formação vai obter grande relevância em Kant, que em artigo publicado em 1784 responde à pergunta: Que é esclarecimento? (KANT, 1990, p. 11-19). Sua resposta é que o esclarecimento é a “a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado”, menoridade esta que define como a incapacidade de utilizar o próprio entendimento sem a tutela de alguém, não por falta de entendimento, mas por falta de decisão e coragem, puramente por covardia e preguiça. Para o filósofo de Königsberg, a sociedade possibilita uma espécie de pacto tácito: assim como para a maioria é mais cômodo ser menor, ou seja, não ter que se responsabilizar por suas convicções, para outros, da mesma forma, é conveniente assumirem-se como tutores, disseminando a ideia de que a passagem à maioridade (*Mündigkeit*), que implica em fazer uso da própria palavra, ser senhor de si, além de difícil, é também perigosa, não se lhes motivando a fazer tal tentativa.

Kant argumenta que, através do uso da razão, o homem pode libertar-se da tutela alheia e agir com autonomia, sem a orientação de outrem. Mesmo reconhecendo a dificuldade que representa desprender-se da condição de tutelado, apregoa que o indivíduo pode transformar-se em sujeito e iniciar um caminho seguro, guiado pela luz da razão. O esclarecimento, então, adquire um caráter de processo, sendo um direito inerente à própria natureza humana e, portanto, diz respeito a qualquer época, constituindo dever do estado, da sociedade civil e até mesmo dos indivíduos promoverem a educação para sua consecução.

Uma época não pode coligar-se e conjurar para colocar a seguinte num estado em que se deve tornar impossível a ampliação dos seus conhecimentos (sobretudo os mais urgentes), a purificação dos erros e, em geral, o avanço progressivo na ilustração. Isto seria um crime contra a natureza humana, cuja determinação original consiste justamente neste avanço (KANT, 1990, p. 15-16).

Apesar de demonstrar a convicção da inevitabilidade do esclarecimento, pois a proibição de seu avanço seria um crime contra a própria natureza humana, Kant reforça a ideia de formação, quando questiona: “Vivemos nós numa época esclarecida?”. Sua resposta é negativa, pois para ele ainda faltava muito para que os homens pudessem fazer uso adequado de seu entendimento e agir sem a tutela de outrem. No entanto, percebe claros indícios de que os obstáculos ao esclarecimento estavam sendo diminuídos.

A partir da leitura da obra em questão (KANT, 1990, p. 11-19), procuramos demonstrar a relação que se estabelece entre esclarecimento (*Aufklärung*) e formação (*Bildung*), na medida em que o primeiro reforça a aspiração de que os indivíduos desenvolvam sua formação como

meio de atingir a maioria, a autonomia e assumirem a posição de se servir do próprio entendimento sem a tutela alheia. Ademais, pode-se identificar no texto kantiano a importância da formação para o desenvolvimento não só de indivíduos, mas de uma sociedade esclarecida. Preconiza a possibilidade do uso público da razão que, para o filósofo, nada mais é que a possibilidade de qualquer pessoa expressar pública e livremente seus pensamentos, rompendo com as tutelas do poder vigente, como possibilidade de emancipação,³ não só individual, mas coletiva, de cidadãos esclarecidos.

Se nos textos de Kant pode-se identificar a importância da formação para o desenvolvimento do esclarecimento na sociedade, nos de Hegel talvez isto seja ainda mais evidente. Vaz (1997), na apresentação da *Fenomenologia do Espírito*, defende a radicalidade da filosofia hegeliana, quando esta procura demonstrar que a fundamentação do saber é resultado de uma gênese, cujas mudanças são demonstradas no plano da aparição, do fenômeno, pelas oposições dialeticamente articuladas entre a certeza do sujeito e a verdade do objeto. A *Fenomenologia* propõe uma situação histórico-dialética de um sujeito que é fenômeno para si mesmo, no próprio ato em que constrói o saber de um objeto surgido a partir de suas experiências.

Quando Hegel transfere para o sujeito, pelo seu saber, a condição de fenômeno que Kant unira ao objeto, caracteriza o que defendemos como processo de formação do sujeito (*Bildung*, cultura). A *Bildung* representa o processo de estranhamento e reapropriação entre o espírito e o mundo enquanto seu objeto, numa tensão contínua entre autonomia e adaptação, aceitação do mundo objetivo e negação, afirmação do espírito, contrapondo a natureza. Este tensionamento constitui a cultura. No capítulo intitulado *Consciência-de-si*, no qual analisa a relação entre senhor e escravo, Hegel aponta para a formação tendo como fundamento principal a mediação do trabalho. O agir formativo pelo trabalho, para o filósofo alemão, resulta na transcendência da própria singularidade do trabalhador, constituída como consciência-de-si. O trabalho é um desejo reprimido; a subjetividade objetivada no produto reencontra-se consigo na forma do autorreconhecimento de uma consciência em-si e para-si – a essência do trabalho é formar. Na qualidade autônoma que o trabalho possibilita ao objeto, a consciência que trabalha se reencontra a si mesma como consciência autônoma. Ao formar o objeto, forma-se a si mesma.

Posteriormente, Marx faz uma crítica a Hegel, dizendo que este apreendera corretamente o trabalho como essência do homem; porém, em sua análise, concebera-o apenas sob seu aspecto positivo, não o contextualizando num mundo regido pela lógica contrária, no qual predomina o trabalho como instrumento do capital. “O trabalho é

o tornar-se para si do homem no interior da alienação ou como homem alienado. O único trabalho que Hegel entende e reconhece é o trabalho intelectual abstrato” (MARX, 2004, p. 179).

No sentido da leitura marxiana de Hegel, o trabalho tanto deforma os homens, com a universalização da sua forma vigente de trabalho alienado, subordinando-os à reprodução material concreta na sociedade de então, como forma, para além das determinações desta condição social de mera adaptação. Para Marx, os homens, em sua práxis social, produzem trabalho alienado, que os mantém adaptados às determinações sociais que retornam sobre sua própria práxis. O ser genérico do homem, na crítica de Marx a Hegel, seria um simples meio para a realização da satisfação de consciências adaptativas, permanecendo, todavia, com sua dupla dimensão no plano da formação.

A Escola de Frankfurt continua na trilha destas investigações, particularmente da articulação entre processo de trabalho social e processo de formação cultural. Na década de 20, Lukács já se preocupava com o descompasso entre cultura e sociedade, com a articulação entre formação cultural e trabalho produtivo.

A “crise” seria justamente a perda da “experiência” pela autonomização da razão, realizada objetivamente na ciência e na cultura, mas fora do vínculo à realidade. Uma objetivação apenas formal da razão, que se interpõe entre o sujeito e a realidade, impedindo o processo formativo derivado da “força negativa” da racionalidade, impossibilitada de confrontar realidade e verdade, de relacionar dialeticamente os mundos “subjetivo” e “objetivo” (MAAR, 2003b, p. 66).

Lukács retoma a dialética da experiência formativa hegeliana, mas acompanhando os momentos do trabalho e do capital: o trabalho forma, mas a realidade objetiva é a reificação do processo formativo correspondente ao trabalho alienado e alienante regido pelo capital, trabalho morto. Concentra sua análise na deformação, fruto do domínio do capital sobre o processo de produção social, resguardando a relação entre trabalho e formação, pois acreditava num conteúdo emancipatório na cultura. Adorno, por seu turno, arriscaria nesta crise, “sem descrever da luta de classes, mas aprofundando sua forma, deixou de atribuir qualquer papel revolucionário à cultura vigente, à ‘consciência da época’” (MAAR, 2003a, p. 18).

A cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários, e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável. O indivíduo deve aproveitar seu fastio universal como uma força instintiva para se abandonar ao poder coletivo de que está enfatado (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 143).

Se o grande escopo do esclarecimento foi, pela luz da razão, atingir uma sociedade mais igualitária e justa, tendo como principal instrumento a formação cultural, enquanto processo de libertação do homem das tutelas políticas e religiosas às quais estava submetido, este ideal não se cumpriu! A sociedade contemporânea, cada vez mais esclarecida, converte-se, ao contrário, na mais progressiva barbárie. Este é o tema abordado por Adorno e Horkheimer (1985), na importante obra *Dialética do Esclarecimento*, publicada em 1947, no período de exílio nos Estados Unidos. Os autores defendem que o esclarecimento, que para eles se confunde com o processo civilizatório, no qual o homem aprendeu a dominar a natureza em seu benefício, acabou convertendo-se no contrário, na barbárie, pela forma unilateral como foi conduzido. Para os frankfurtianos, a razão iluminista moderna continha em si tanto as dimensões emancipatória quanto instrumental, ambas integradas, sendo o aspecto instrumental pensado em função do emancipatório e por ele iluminado. À medida que a burguesia ascendeu ao poder, ofuscou-se progressivamente a dimensão emancipatória e potencializou-se a instrumental. A ciência, a tecnologia e o conhecimento, idealizados pelos grandes pensadores da modernidade como possibilidade de serem instrumentos para implementação de uma nova sociedade, vão perdendo seu caráter libertário e a razão emancipada e emancipadora vai sendo obscurecida.

Com o surgimento do capitalismo monopolista e seu desenvolvimento além dos limites europeus, com a intensificação colonialista, com as revoluções científicas contemporâneas, o predomínio da dimensão instrumental da Razão se torna onipresente. E a sociedade unidimensional, liderada pelos técnicos e pela ciência, se transformou em instrumento de produção e dominação (PUCCI, 2003, p. 23).

Na mesma medida em que o mundo natural se reduzia a uma abordagem em que as diferenças qualitativas eram ignoradas pelo controle científico, a dominação do mundo exterior conduzia ao controle da natureza interna do homem e, por conseguinte, do mundo social, pelo mesmo processo de coisificação. A dissolução da formação como experiência formativa resulta na primazia do já formado, na dominação do existente.

A racionalidade técnica presente nos processos industriais de produção de mercadorias encontra equivalência na esfera da cultura.⁴ Embora no contexto atual prevaleça esta razão instrumental, mero instrumento para subserviência do homem aos princípios impostos pelo capital, razão que se absolutiza e impõe-se soberana sobre todos os seres, em detrimento de uma razão emancipatória, potencializadora do processo de formação cultural, isto não significa que tal estado de coisas seja

irreversível. Conforme Maar, Adorno não renuncia à relação entre esclarecimento e liberdade, entre razão e emancipação; ele vincula seu fracasso à “cumplicidade” entre o próprio desenvolvimento da ciência e da cultura, e a estrutura da dominação conservadora da formação social. Esta cumplicidade seria refletida no conceito de indústria cultural, como caracterização social objetiva da perda da dimensão emancipatória, gerada de forma implacável no movimento da razão (MAAR, 2003a, p. 20). “Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 13).

DA FORMAÇÃO À SEMIFORMAÇÃO

Na primeira parte deste artigo, procuramos percorrer a trajetória teórica do conceito de formação cultural, a fim de que pudéssemos, então, entender sua obliteração no contexto atual, em que impera o processo de conversão das relações sociais à lógica mercantilista, a qual reverte tudo ao papel de simples mercadoria. Procuramos refazer o caminho percorrido pelo conceito de formação (*Bildung*), a fim de lançar bases para a compreensão *via negationis* de sua conversão no que Adorno chamou de semiformação (*Halbbildung*).

O texto *Teoria da semicultura*⁵ (2010, p. 7-40), elaborado em 1959, inicia analisando o colapso da formação cultural. Adorno argumenta que a cultura tem um duplo caráter: ela é, ao mesmo tempo, autonomia, liberdade do sujeito e adaptação, conformação à vida real. De uma parte, dentro da tradição da filosofia alemã, a *Bildung* carrega a exigência de formar seres humanos amparados na ideia de autonomia e emancipação do sujeito, mas o fracasso do ideal de uma sociedade racional, igualitária e justa, proposta pela cultura burguesa, permitiu que esta se satisfizesse em si mesma, numa hipóstase do espírito e da realidade, convertendo-se em um valor em si,⁶ dissociando-se da produção cultural da sociedade. Com o desenvolvimento do capitalismo monopolista do século XX e com o advento da revolução científico-tecnológica, uma nova cultura vai se implantando e os produtos culturais deixam de ser valores de uso para se tornarem valores de troca. São incluídos na lógica mercadológica da indústria. A formação cultural, então, passa a ser entendida como conformação com a realidade, privilegiando apenas o aspecto adaptativo, excluindo a possibilidade do pensamento autônomo, da reflexão sobre esta realidade e, do mesmo modo, impedindo “que os homens se educassem uns aos outros” (TS, p. 11).

O processo de formação cultural deve atentar para os dois aspectos: não negar as condições sociais de onde emerge esta produção, assim como não entender a cultura

como mera adaptação e conformismo ao *status quo*. Para Adorno, quando este processo cristaliza-se em categorias fixas e isoladas, seja de espiritualização ou acomodação, coloca-se em contradição com seu sentido original, fortalecendo a ideologia. Assim, acaba por promover seu contrário, ou seja, uma formação regressiva.

Esse duplo caráter da cultura nasce do antagonismo social não conciliado que a cultura quer resolver mas que demanda um poder que, como simples cultura, não possui. Esse desejado equilíbrio é momentâneo, transitório. Na hipóstase do espírito, mediante a formação cultural, a reflexão glorifica a separação social colocada entre o trabalho do corpo e o trabalho do espírito. A antiga injustiça quer justificar-se como superioridade objetiva do princípio de dominação [...]. Mas a adaptação é, de modo imediato, o esquema da dominação progressiva (TS, p. 11-12).

Essa dinâmica da formação cultural, por seus conteúdos e suas instituições, varia conforme a época, inserida no processo de reprodução material da sociedade vigente. Adorno entende que este conceito emancipou-se com a burguesia, tornou-se objeto de reflexão e, consciente de si mesma, foi devolvida aos homens. Deveria, pois, corresponder a uma sociedade burguesa de seres livres e iguais, de uma forma pura, indicando assim uma sociedade sem classes e sem exploração. O ideal da formação esconde o que na prática não se realiza e se transforma em ideologia.

Se na ideia de formação ressoam momentos de finalidade, esses deveriam, em consequência, tornar os indivíduos aptos a se firmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre. [...] E quanto menos as relações sociais, em especial as diferenças econômicas, cumprem esta promessa, tanto mais energicamente se estará proibido de pensar no sentido e na finalidade da formação cultural. [...] O sonho da formação – a libertação da imposição dos meios e da estúpida e mesquinha utilidade – é falsificado na apologia de um mundo organizado justamente por aquela imposição (TS, p. 14-15).

Quando a burguesia assumiu o poder na Inglaterra e na França (séc. XVII e XVIII), estava mais desenvolvida do que o sistema feudal, não só sob o aspecto econômico, mas em termos de consciência. Segundo o frankfurtiano, as qualidades posteriormente definidas como formação cultural possibilitaram à classe ascendente desempenhar tarefas econômicas e administrativas. A formação, portanto, não foi apenas resultado da emancipação da burguesia. Sem esta, dificilmente o burguês teria se desenvolvido tão satisfatoriamente como empresário e administrador.

Diferentemente, analisa o contexto das teorias socialistas ao ensejarem o despertar da consciência dos proletários, que não se encontravam, de forma alguma, mais avançados subjetivamente que a burguesia. “A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio” (TS, p. 14). O conceito de formação cultural não teve condições de constituir-se e a sociedade passou de uma tutela a outra – em lugar da autoridade da Bíblia, o poder do capital e a consequente mercantilização da sociedade, inclusive dos bens culturais.

Nas relações econômicas, binômio poder/capital, não ocorreram mudanças substanciais. No entanto, no que diz respeito à ideologia, a situação é bem mais delicada. É fato que no capitalismo os homens puderam, de alguma forma, igualarem-se entre si, pois as relações de mercado na maioria das vezes dispensam saber as origens sociais e, em comparação com as rígidas estruturas feudais, isto se constitui um avanço. Entretanto, sob a falsa integração fornecida às massas, bens de pseudoformação cultural ajudam a manter as diferenças mascaradas numa sociedade nivelada psicossocialmente, mas não de uma maneira estrutural-objetiva.

Subjetivamente aparecem ambas as coisas: o véu da integração, principalmente nas categorias de consumo, e a persistente dicotomia onde quer que os sujeitos deparem com antagonismos de interesses fortemente estabelecidos. [...] No clima da semiformação, os conteúdos objetivos, coisificados e com caráter de mercadoria da formação cultural perduram à custa de seu conteúdo de verdade e de suas relações vivas com o sujeito vivo, o qual, de certo modo, corresponde à sua definição (TS, 17-19).

Segundo Pucci (1998, p. 94), quando os trabalhadores, depois de muitas lutas, conseguiram adquirir direitos que lhes possibilitaram uma melhoria das condições de vida e, por conseguinte, um acesso maior à formação cultural, a burguesia manteve sua exclusão deste processo através da semiformação, como uma falsificação de formação. Fazendo-os consumir os produtos que a indústria cultural disponibiliza para preencher seu tempo livre, transforma este tempo em um prolongamento do trabalho, excluindo os resquícios de capacidade criativa e, portanto, do exercício das capacidades lúdicas, afetivas e simbólicas que tornam possível o desenvolvimento de um potencial crítico que permita o surgimento de uma práxis transformadora das condições que perpetuam a vida falsa. Na verdade, trata-se de mera aparência, substitutiva da experiência viva perdida na total administração da sociedade. Nessas condições, “seria errado e insensato esperar ou exigir dos homens que realizem alguma coisa produtiva em

seu tempo livre, pois que lhes exterminaram a produtividade, a capacidade criativa” (ADORNO apud PUCCHI, 1998, p. 95).

Portanto, quando a produção simbólica, própria do processo da cultura, é convertida em mercadoria pela Indústria Cultural, distancia-se do saber popular e se aproxima dos interesses do mercado, com isso encontram-se as bases para a consolidação do que, para Adorno, constitui o processo de semiformação (*Halbbildung*). De uma parte, percebemos a dissolução da cultura enquanto potencial libertador dispersa nos produtos distribuídos em massa pela indústria cultural, de outra, avulta a progressiva socialização da semiformação. Sem possibilidade de superar a dependência econômica, a classe dominada absorve as representações dos valores culturais dominantes, desapropriando-se, desta forma, da capacidade de compreensão da própria situação dentro da sociedade e, assim, do papel que pode exercer no sentido de transformá-la. A semiformação constitui o resultado de um processo sistemático de dominação da formação cultural pelos mecanismos político-econômicos dominantes. “A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (TS, p. 25).

Adorno afirma que o progresso das forças produtivas materiais não surte um efeito benéfico nas questões espirituais; há uma desproporção da transformação da superestrutura em relação à infraestrutura, aumentando o retrocesso da consciência.

A semiformação assenta-se parasitariamente no “cultural lag”. Dizer que a técnica e o nível de vida mais alto resultam diretamente no bem da Formação, pois assim todos podem chegar ao cultural, é uma ideologia comercial pseudodemocrática (TS, p. 27).

A semiformação, ao contrário do ideal da formação, que pretende ser um processo de emancipação dos indivíduos, enquanto sujeitos da práxis social, produz a acomodação destes sujeitos à situação de dominação a que estão submetidos. “A elevação do padrão de vida das classes inferiores, materialmente considerável e socialmente lastimável, reflete-se na difusão hipócrita do espírito. Sua verdadeira aspiração é a negação da reificação” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 14). Através de um narcisismo coletivo, compensa a consciência das pessoas de sua impotência social; não importa *ser*, importa simplesmente *parecer ser*. O indivíduo semiculto é aquele que demonstra estar sempre bem informado, a par de tudo o que supostamente acontece, porém de uma forma superficial e acrítica, sem nunca conseguir relacionar os fatos entre si de forma a produzir uma opinião crítica sobre os assuntos em questão. Sob uma apenas aparente democratização da formação cultural, são distribuídos em

massa pela indústria revistas que mesclam fatos culturais com artigos de consumo ou resumos de ciências e obras literárias que estimulam a ignorância que pretendem ocultar.

A disseminação progressiva destas características semiformativas deixou marcas indelévels nos processos formativos, não só no seu sentido mais amplo, mas nas próprias práticas educativas. Na própria maneira como são distribuídos os conteúdos nos currículos escolares, apresentados de forma reduzida, fragmentada, sem a presença de uma estrutura que viabilize ao aluno sentir-se desafiado a penetrar em suas profundezas. O que se percebe é o predomínio da lógica quantitativa, que valoriza a quantidade de informações em detrimento da possibilidade de síntese dos conteúdos e de sua inserção na realidade dos educandos. Exige-se a memorização de fórmulas, datas e nomes que muito rapidamente serão esquecidos diante da apresentação de um novo conteúdo, sem a preocupação de relacionar estas informações, possibilitando, assim, despertar o interesse pelos fatos históricos e sociais vivenciados pelos alunos.

Caracterizar de forma minuciosa o sistema educacional vigente enquanto parte de um modelo neoliberal de sociedade não trará contribuições substantivas à linha argumentativa que vimos desenvolvendo. No entanto, não podemos deixar de referir que este sistema, com suas políticas específicas, está vinculado a processos econômicos mundializados e a novos padrões de controle social atrelados a padrões de competência, tanto na avaliação das universidades quanto das administrações públicas, os quais podem estar voltados tanto ao controle quanto à produção efetiva. Mesmo os países periféricos são forçados a se incluírem nestas políticas oriundas de centros hegemônicos, que muitas vezes implicam a desintegração de suas características locais, impondo relações que fecham portas para as pessoas e as abrem para as mercadorias. A educação, por conseguinte, já se encontra fortemente integrada a este processo de globalização do mercado, como um produto extremamente rentável, que pode ser comercializado livremente e que visa consolidar uma estrutura de dominação, mascarando as diferenças sob um invólucro de racionalização, modernização produtiva e economia de mercado. As instituições de ensino passam a fazer parte de um mercado de serviços deveras lucrativo, seguindo a mesma lógica da concorrência. Mercantiliza-se o processo educacional em seu conjunto, tanto na rede privada como pública, jogando no mercado de trabalho indivíduos cada vez mais isolados, egoístas e indiferentes, cada vez mais administrados e inaptos à experiência, formados para serem consumidores de bens efêmeros e descartáveis, que perdem seu valor logo após a aquisição. “O defeito mais grave com que nos defrontamos atualmente consiste em que os homens não são mais aptos

à experiência, mas interpõem entre si mesmos e aquilo a ser experimentado aquela camada estereotipada a que é preciso se opor” (ADORNO, 2003b, p.148-149).

Ainda que tenhamos optado por prescindir de uma análise detalhada, que possibilitaria identificar a educação vigente com um certo modelo de sociedade, não abrimos mão de, motivados pelo pensamento adorniano, fazer a crítica deste sistema educacional que hoje forma indivíduos, tanto no aspecto cognitivo quanto afetivo, para submeterem-se ao processo de semiformação que impele ao conformismo e à falsa ideia de felicidade obtida pelos bens de consumo.

Adorno argumenta que, diante da crise que converte os mecanismos de formação cultural em processos de semiformação, reformas pedagógicas isoladas, embora indispensáveis, não são suficientes. Tais paliativos “podem até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles” (TS, p. 8). Enquanto as condições sociais objetivas não se modificarem, haverá uma lacuna entre as propostas reformistas e a própria realidade.

FORMAÇÃO CULTURAL E EMANCIPAÇÃO

O grande desafio que se nos coloca no âmbito educacional hoje, à luz do pensamento de Adorno, é a crítica da semiformação, tal como se apresenta não só no contexto macrosocial, mas no espaço da própria sala de aula, buscando captar, de forma crítica, suas tendências intrínsecas. Somente por este caminho será possível fazer emergir uma formação cultural que venha a contribuir para a ampliação dos horizontes dos indivíduos, para a emergência de sujeitos conscientes de suas potencialidades e artífices da própria história.

Partindo de uma perspectiva dialética, a formação cultural está inserida no desenvolvimento histórico do homem, não apenas como reflexo das condições existentes, mas como possibilidade de transformação destas. Entendendo a educação como *práxis* humana, os conceitos de formação cultural e educação tornam-se indissociáveis na construção do homem no mundo através de sua história, constituindo-se dialeticamente no mesmo processo. A educação, como processo de formação, possibilita ao homem inserir-se no fluxo histórico-cultural como sujeito, servindo-se do próprio entendimento, sem a tutela de outrem. Adorno, dentro da tradição kantiana, faz a defesa do esclarecimento, sustentando a intrínseca relação entre educação/formação e emancipação, como possibilidade de sair do estado de menoridade a que o homem está submetido.

Considerando que na prática educacional hodierna privilegia-se o acúmulo do maior número de informações no menor espaço de tempo, a quantidade em detrimento da qualidade, consubstanciando o processo de disseminação da semicultura, é necessário, mais que nunca, que se faça sua autocrítica, surgida de sua configuração histórica, para a compreensão dos fatores que produziram este processo, buscando postular, a partir de si, sua transformação. A formação cultural, como contraposição à semicultura generalizada e generalizante, é um processo que não se esgota nos aspectos subjetivos e individuais, mas define-se essencialmente numa luta que implica a mudança das condições sociais e materiais que permitiram que este modo de ser se autoperpetuasse, em detrimento dos ideais de uma vida justa e verdadeiramente humana. Deste modo, “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (TS, p. 39).

Embora carregue consigo uma herança de reprodução de injustiças de toda sorte, a escola ainda é uma instituição poderosa no processo de emancipação humana, talvez a mais específica para este fim e, apesar de suas ambiguidades, é um espaço dialético e dialógico, que pode transformar e também ser transformada. A figura do professor é central neste processo e também ele deve fazer sua auto-crítica; é necessário que reconheça os tabus que permeiam sua imagem e se impõem como preconceitos psicológicos e sociais,⁷ para assim poder combatê-los e eliminá-los. Os educadores precisam, mais do que nunca, assumir sua identidade como trabalhadores culturais, envolvidos no processo de construção de uma memória histórica com produção de significados, desreificando o conhecimento, tentando apresentá-lo como recriação de construções passadas e como possibilidade de criação de projetos futuros.

Concluimos reafirmando a importância desta problematização para a educação contemporânea. É certo que as tutelas a que Kant se referia, quando sustentava a importância de o homem abandonar o estado de menoridade e fazer uso público da razão, adquirem outras roupagens, mas sua defesa intransigente do esclarecimento como potencial emancipatório mantém a mesma atualidade. Educação, esclarecimento, formação, emancipação são conceitos que se aglutinam num mesmo projeto, a promoção do homem como agente de transformação de sua história, não mero espectador.

A formação cultural é a possibilidade da libertação individual dos mecanismos coercitivos da socialização e da imposição coisificadora da “desenfreada economia de mercado” [...] sobre a cultura e a consciência. [...] Porém, esta possibilidade da libertação individual não deve se tornar objetivo final, mas deve ser entendida como pressuposto incondicional para a humanização da práxis social (SCHMIED-KOWARZIK, 1983, p. 112).

Vivemos numa sociedade em que o grau de desenvolvimento científico e tecnológico seria suficiente para minimizar a fome e as mazelas de grande parte das populações que sofrem em todo mundo, mas o mais perverso é que este progresso todo, ao invés de contribuir para o fim das necessidades, permite que o sofrimento humano se perpetue para sua manutenção. Estas e outras barbáries com as quais convivemos cotidianamente devem constituir-se como imperativos negativos de toda educação: que estas *Auschwitz* não se repitam, eis a palavra de ordem!

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. A filosofia e os professores. Trad. Wolfgang Leo Maar. In: _____. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 51-74.
- _____. Tabus acerca do magistério. Trad. Wolfgang Leo Maar. In: _____. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003a. p. 97-117.
- _____. Educação – Para Quê? Trad. Wolfgang Leo Maar. In: _____. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003b. p. 139-154.
- _____. Teoria da semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antonio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (Org.). **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- DUARTE, Rodrigo. **Adorno/Horkheimer & a dialética do esclarecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Filosofia passo a passo, 4).
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Parte I. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOYER, Timo. Medo da maioria ou como foi justificada a restrição à formação. In: DALBOSCO, Cláudio Almir; FLICKINGER, Hans-Georg (Org.). **Educação e maioridade**: dimensões da racionalidade pedagógica. São Paulo: Cortez; Passo Fundo: UPF, 2005.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo? In: _____. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1998.
- MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003a. p. 11-28.
- _____. Educação crítica, formação cultural e emancipação política na Escola de Frankfurt. In: PUCCI, Bruno (Org.) et al. **Teoria crítica e educação**: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Edufscar, 2003b.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- PUCCI, Bruno. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: _____. et al. (Org.). **A educação danificada**: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Ufscar, 1998.
- _____. Teoria crítica e educação. In: _____. et al. (Org.). **Teoria crítica e educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Edufscar, 2003.
- SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. **Pedagogia dialética**: de Aristóteles a Paulo Freire. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SUAREZ, Rosana. Notas sobre o conceito de *Bildung* (formação cultural). **Kriterion**: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 46, n. 112, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.org.br>>. Acesso em: 29 abr. 2006.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. A significação da fenomenologia do espírito. In: HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Parte I. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Indústria cultural e educação**: o novo canto da sereia. Campinas: Autores Associados, 1999.

NOTAS

- ¹ *Bilden* – formar, constituir, elaborar.
- ² Embora, conforme o contexto, possa ser utilizado somente o termo “formação”, optamos por “formação cultural”, tendo como referência Suarez (2005, p. 2), Pucci (1998, p. 89; 2003, p. 55), Maar (2003b, p. 71), Schmied-Kowarzik (1983, p. 111), entre outros.
- ³ Utilizamos, neste texto, o conceito de emancipação com o sentido de ato pelo qual alguém passa a ser responsável pelos próprios atos e palavras, em acepção semelhante ao conceito de autonomia.
- ⁴ Neste contexto é que surge o termo *Verwaltete Welt*, convencionalmente traduzido por sociedade administrada ou mundo administrado, que é frequentemente empregado por Adorno e Horkheimer.
- ⁵ O conceito *Halbbildung* pode ser traduzido tanto por semicultura quanto por semiformação, dependendo do contexto. Os termos cultura e formação são praticamente equivalentes. Zuin, conforme nota explicativa, aponta uma sutil diferença entre o processo de danificação da produção simbólica (semicultura) e os malefícios à dimensão subjetiva oriundos da conversão da formação em semiformação. (ZUIN, 1999, p. 55). No presente trabalho, optamos por utilizar semiformação, com exceção dos casos onde é feita citação de autores que utilizam semicultura como tradução mais adequada. Uma vez que se trata de uma obra que será citada inúmeras vezes, ao nos referimos a ela utilizaremos somente a abreviatura TS.
- ⁶ Adorno refere-se a Max Frisch, observando que o fato de algumas pessoas estarem estreitamente relacionadas com certos bens culturais não as impediui de associarem-se ao nacional-socialismo.
- ⁷ Adorno em *Tabus acerca do magistério* (2003a, p. 97-117) enumera expressões que degradam a imagem do professor, como, em alemão, *Pauker*, quem ensina com a palmatória, como quem treina soldados; *Steisstrommler*, quem malha o traseiro e, em inglês, *schoolmarm*, para professoras solteironas mal-humoradas e ressentidas.